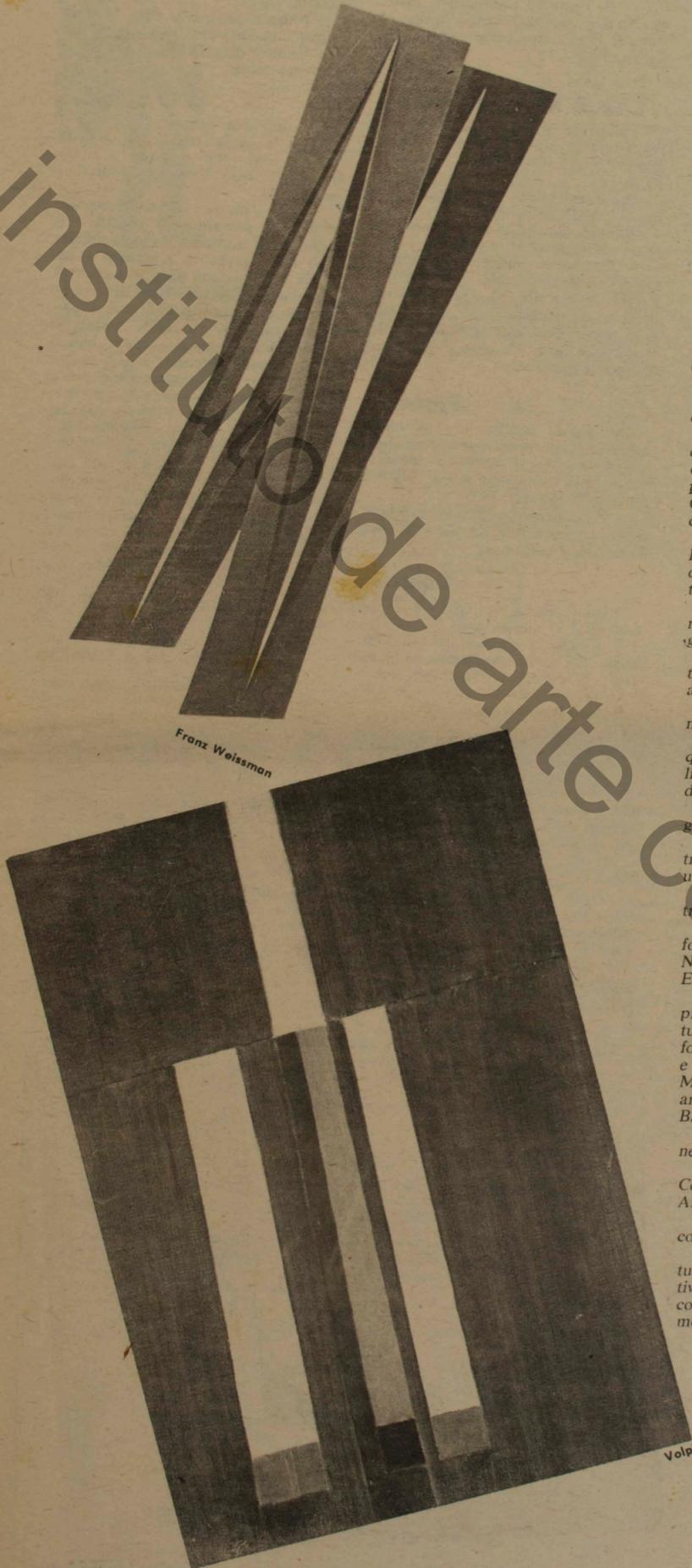


São Paulo x Rio

instituto de arte



terpretação que de qualquer forma era uma imposição cultural. Queríamos uma arte limpa, uma arte libertária e internacionalista. O levantamento da arte concreta das décadas 50/60 pode ser indicativo de situações semelhantes às do concretismo, visto que, hoje, lutamos contra a censura e pelas liberdades democráticas. A mostra da Pinacoteca, no entanto, não caracteriza o grupo concreto de S. Paulo como grupo. E se este não fosse formado como tal, não surgiria arte concreta, porque caracterizamos nosso trabalho em função do desenvolvimento industrial e tecnológico, da programação visual e da publicidade. Tudo aqui era importado. Nós influímos no processo de industrialização nacional.

HF — A diferença entre nós e os concretos, ou neoconcretos do Rio, é que eles tinham maior afinidade com pintura.

LS — Nós fazíamos o design para a democracia dos objetos.

HF — Os concretos eram um grupo e os neoconcretos não. Só se agruparam quando nós de S. Paulo os convidamos para a Exposição Nacional de Arte Concreta: passam então a neoconcretos.

LS — Os organizadores da mostra da Pinacoteca fizeram questão de confundir. Eliminaram o confronto entre a arte concreta e neoconcreta.

HF — A confusão é proposital e afirmo que a responsabilidade é da organização do Rio.

JL — Ferreira Gullar, em seus artigos, nega sempre a participação dos artistas de S. Paulo na arte concreta.

HF — Arte Brasileira, porque ela não é nem de carioca nem de paulista.

LS — A arte neoconcreta surgiu porque a arte concreta não podia ter dois líderes ao mesmo tempo — um Cordeiro e um Gullar.

MNL — Os cariocas são mais frios e geométricos.

HF — Vivíamos numa cidade industrial, enquanto que os do Rio faziam uma arte de inspiração francesa.

JL — Eram neoconcretos porque trabalhavam a vibração da cor.

HF — Se houve neoconcretos estes foram Lígia Clark e Hélio Oiticica, só. Nós de S. Paulo que trabalhamos a cor. Eles coloriam as formas.

MNL — Os neoconcretos acham nos presos a dogmas. Eles sentiram a abertura advinda com o XX Congresso, que foi responsável pela stalinização da arte e pelo advento do realismo socialista. Mas a nova figuração surgiu com um artista de S. Paulo — com Geraldo de Barros, em 1964.

LS — Os neoconcretos não existem e nem responderam ao XX Congresso.

MNL — Quem respondeu ao XX Congresso foram os EUA com a Pop-Art, e só podiam ser eles.

ABN — Mas, afinal, o que é arte concreta?

JL — Parte de um pensamento intuitivo matemático, da grande objetividade em oposição à arte abstrata e contra o intimismo, o lirismo e o onirismo.

LS — Arte concreta não é simplesmente um ismo — é a nova e grande abertura como houve no Renascimento. Não se opõe e nem se beneficia da arte abstrata — ela se liberta totalmente da representação dos aspectos naturais criando uma linguagem própria, organizada com elementos próprios e das mais variadas formas. Na exposição da Pinacoteca, Maria Leontina, Flexor, Milton da Costa são pintores figurativos, enquanto Volpi é o grande artista concreto desse período.

MNL — Arte concreta não é uma tendência, escola ou estilo — é a consciência do Século XX. Eliminou-se na pintura o conteúdo simbólico, e defendia-se objetivos realistas. Ela é arte construtiva do Século XX. Elimina a literatura do menestrel. A arte concreta é aquela que se torna letreiro de anúncio ou cartaz de rua, a que se constrói com a arquitetura e com a TV, é a que cria um sistema visual para o povo. É a única consciência geral construtiva de um mundo novo.

LS — A arte concreta não é uma arte discursiva.

HF — Arte concreta não representa, ela apresenta. Os conteúdos são variáveis e aceitáveis para outras manifestações não aceitáveis. Ela cria seus próprios conteúdos. Para nós foi também um combate contra a diluição do abstracionismo criado pelo Atelier Abstração e contra o folclorismo do Nordeste. O Kubem Valentim não é concreto e está na mostra da Pinacoteca.

MNL — O Grupo Concreto de Campinas não foi convidado. Raul Porto, Perina, por ex. receberam influência dos concretos de S. Paulo, assim como o próprio Volpi.

LS — Os do Rio são oportunistas.

HF — Não são oportunistas porque não se intitulam concretos.

MNL — Flexor é um grande artista, mas por que está na mostra?

JL — Foram homenageados por alguma razão.

HF — Ou por falta de informação.

MNL — Falta ainda na exposição o grupo do Ceará.

E afinal o que é arte neoconcreta?

GB — Surgiu em contraposição à arte abstrata porque o abstracionismo foi o maior tombo da história da arte. A arte concreta não foi compreendida. Não houve ninguém que nos defendesse nos jornais — só José Geraldo Vieira na Folha de S. Paulo. Mas naquele tempo a Folha não é o que é hoje e nem tinha a repercussão nacional que agora tem.

A resposta ao neoconcretismo pareceu-nos, pela discussão violenta e interminável, que foi a saída concreta carioca, apenas. E Franz Weissman, neoconcreto, foi aplaudido pela maioria debatente como o maior escultor concreto do País.

Concretos ou neoconcretos, imbuídos de ideais socializantes ou burgueses, de inspiração francesa ou dirigidos à construção e democratização dos objetos, de qualquer forma, "o estudo e pesquisa dessa época serviu para que o artista manipulasse com maior precisão, cuidado e respeito os materiais e as técnicas artísticas", diz Geraldo de Barros, conciliador eterno do grupo de S. Paulo. Porque Sacilotto, ex-moderador do tempo de Waldemar Cordeiro, recebeu durante o debate o espírito contestador do falecido ideólogo do grupo paulista.

(Aguarda-se resposta dos neoconcretos para publicação nas condições e espaço dados aos concretos de S. Paulo.)

Radhá Abramo